

PALCO

JUIZ DE FORA, ABRIL. 2012. ANO IV. Nº 26

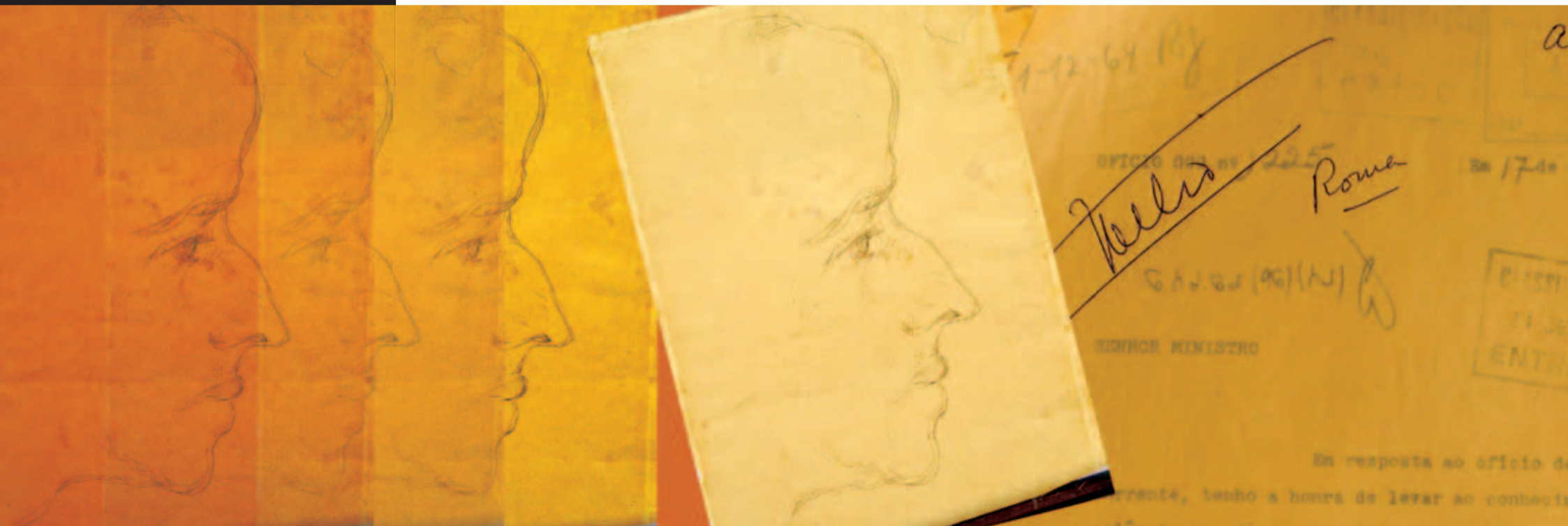
PORTINARI E MURILO CONVERGÊNCIAS

Em 2012, completam-se 50 anos de falecimento de um dos maiores pintores brasileiros. Para celebrar o legado de Candido Portinari, os painéis *Guerra e Paz* foram trazidos da sede da ONU, em Nova York, para o Rio de Janeiro, onde permanecem até 20 de maio para ser restaurados. Os murais foram uma encomenda feita em 1952 pelo Governo brasileiro para serem enviados à ONU, onde estão desde 1957. Em Juiz de Fora, o acervo do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) abriga três obras de Portinari, e todas elas evidenciam a amizade do grande pintor brasileiro com o poeta juiz-forano, um entusiasta das artes plásticas.

Segundo o artista plástico Eliardo França, o estudo feito para uma obra tem tanto valor quanto a obra final. Portanto, os trabalhos reunidos formam um retrato completo de Murilo Mendes sob a ótica de Portinari.

AMIZADE

"Saudemos Murilo / Para quem a amizade é também uma das Belas-artes / Murilo grande amigo dos seus amigos / Delicado fiel atento amigo dos seus amigos." A dedicação do poeta juiz-forano aos amigos, descrita por Manuel Bandeira em poema de 1955, pode



NESTA EDIÇÃO

WALTER BENJAMIN
RASTROS DO DEVIR

DIÁLOGOS
REENCONTRO COM
AFFONSO ROMANO DE
SANT'ANNA

DIÁLOGOS ABERTOS
MURÍLIO HINGEL

ENTREVISTA
DRUMMOND SOB O
OLHAR DE MÁRCIA
MORAIS

POESIA
VERSOS DO HOJE

DCE
HISTÓRIA NO
CORÇÃO DA CIDADE

FOTOGRAFIA
O ÍNTIMO DIANTE DO
FLASH

HERANÇAS LITERÁRIAS
PAI E FILHA NA ESCRITA
DA POSTERIDADE

São duas gravuras – uma delas, uma litografia sobre tela, com a dedicatória "Para o Murilo amigo, Portinari" – que foram utilizadas para ilustrar o poema de Murilo Mendes *As Metamorphoses*, de 1944. A terceira obra é um retrato de Murilo Mendes em óleo sobre tela, medindo 81 x 65,5 cm e realizado em 1931. Os tons fortes exibem um jovem e esguio Murilo Mendes, de traços finos e olhar distante.

Para a realização dessa pintura, Candido Portinari fez dois estudos. O primeiro é um desenho em grafite e sépia que mede 34 x 25 cm e pertence a uma coleção particular no Rio de Janeiro. A obra foi exposta em São Paulo apenas duas vezes, em 1970 e 2002. O segundo esboço, atualmente perdido, foi visto pela última vez em 1934 ao ser exposto na capital paulista. Já o quadro *Retrato de Murilo Mendes* foi exposto pela última vez em Juiz de Fora, em maio de 2011, na mostra *Retratos de Murilo*, no MAMM.

Encontra-se também em coleção particular no Rio de Janeiro um outro retrato de Murilo Mendes, este de perfil, intitulado *Cabeça de Murilo Mendes*. Trata-se de um desenho a carvão e grafite sobre papel, de 1938, sem data e sem assinatura. O desenho foi parte de um estudo preliminar para a pintura de um mural no auditório do Palácio Gustavo Capanema, também no Rio de Janeiro, que Portinari não chegou a executar. O painel seria chamado de *Escola dos Jesuítas*.

Uma gravura de 1940 é a última referência artística de Candido Portinari ao amigo Murilo. Não há registros de outras reproduções dessa gravura, que, levando em consideração a técnica utilizada, a monotipia sobre papel, não permitiria uma reprodução fiel à primeira impressão. Essa obra foi exposta em 1970 e outras duas vezes em 1993.

justificar a confecção de cinco retratos de Murilo Mendes por Candido Portinari. Mas a relação entre o poeta e o pintor se reflete também na obra poética do escritor juiz-forano, que dedicou ao amigo o poema *Feiticeiro de Brodowski*, em 1933.

Amante das artes plásticas, Murilo Mendes atuou também como crítico de arte. Em 1940, na edição da *Revista Acadêmica* dedicada à obra de Portinari, Murilo teve a oportunidade de aplicar seu olhar crítico sobre o trabalho do pintor: "Existe uma variedade de formas na natureza, muito mais vasta do que o olhar dos críticos e noticiários improvisados", escreveu. Murilo se referia à tradução da realidade em perspectivas diferenciadas e inovadoras na pintura do amigo, influência de vários movimentos plásticos de vanguarda.

Segundo Leila Barbosa e Marisa Timponi, autoras de *A trama poética de Murilo Mendes*, a relação entre a pintura e a poesia é antiga e sua convergência na literatura, com a provocação de efeitos visuais no discurso verbal, é chamada de *ecfrase*. O termo, de origem grega, "seria uma representação verbal de uma representação gráfica, a síntese da arte e da literatura".

A estreita relação entre os artistas da época rendeu muitas *ecfrases*. Não raro, os poetas escreviam baseados nos quadros, assim como pintores trabalhavam a imagem inspirados nos versos de seus companheiros poetas. Entre Murilo Mendes e Portinari não seria diferente. "A relação de Murilo Mendes com as artes plásticas era próxima e fez parte da vida dele não só no Brasil, mas também na Europa. Portanto, Candido Portinari pertencia ao seu meio", afirma Leila.



WALTER BENJAMIN COLECIONADOR

Giorgio Agamben, em seu livro *Estâncias*, desenvolve a ideia, entre outras, de que o colecionador tem, nos objetos que coleciona, fantasmas ou fetiches de uma outra coisa que se deseja ou se almeja ter. O objeto busca substituir algo colocado em outra esfera, que pode ser imaginária ou não.

Esse preâmbulo serve de pretexto para falar de Walter Benjamin como colecionador. Realizou-se em Paris, no *Musée d'art et d'histoire du Judaïsme*, de 12 de outubro de 2011 a 5 de fevereiro de 2012, uma grande exposição sobre o pensador alemão e suas coleções e arquivos. Tomei conhecimento da exposição e fui presenteado com um catálogo e um livro descritivo sobre o que foi exposto por meu caro e precioso amigo Leonardo Mattos, a quem, mais uma vez, agradeço.

A exposição abrange uma gama variada de aspectos: de brinquedos a anotações de expressões características usadas pelo filho do escritor, quando ainda criança, de postais a fichas de leitura e comentários para usar em algum momento, de gravuras a enigmas variados. As fichas e os cadernos que compõem a coleção estão preenchidos inteiramente com a letra manuscrita miudinha do escritor, não deixando praticamente nenhum espaço em branco.

Ora, como entender este meticuloso trabalho de colecionar e arquivar coisas tão díspares entre si? Como relacionar essa tarefa infundável com o que parafraseei de Agamben?

Vamos tentar entender através de uma mirada, ainda que superficial, da obra do filósofo. Começemos pela forma preferida por ele para construir seus textos. Em vez de tratados longos e massudos, Benjamin

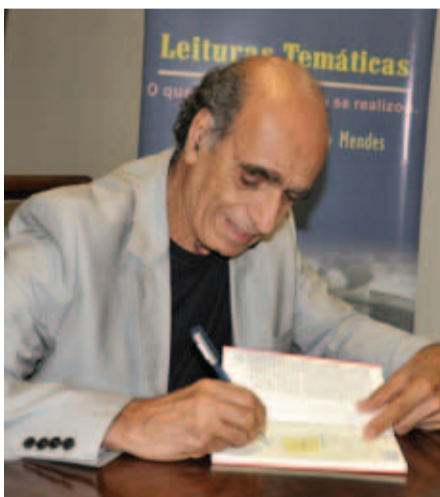
utilizava, preferencialmente, a forma breve do ensaio, em que, sem perda de profundidade e agudeza, podia discorrer sobre temas diversos de sua contemporaneidade ou de elementos anteriores a ela que, no entanto, podiam dar-lhe sentido ou clarear a linha de força que a marcavam.

Assim, o século XIX é um dos motivos mais recorrentes em sua ensaística, quer focando Paris, "capital do século XIX", quer discorrendo abundantemente sobre Baudelaire, o poeta da Paris moderna daquele século. Seu ambicioso livro sobre as passagens de Paris é mais do que apenas o encanto com galerias e ruas e lugares de Paris: é o rastreamento de signos e fissuras que, de algum modo, mais ou menos intenso, moldam o século XX. Percebe-se que Benjamin realiza efetivamente o que preconiza nas teses que elabora em *Sobre o conceito de história*: utilizando a imagem do *Angelus novus* de Paul Klee, que iconiza a figura de um anjo que olha para trás, mas caminha resolutamente para a frente; o pensador expõe o que considera ser a postura adequada de quem lê a história: buscar nela elementos que, longe de estarem sepultados no passado, aclaram caminhos e veredas do presente.

Também é nesse sentido que podemos ler o Benjamin colecionador e arquivista: procurar nos objetos e anotações diversos as fantasmagorias que assombram e mutilam e moldam o viver presente. A fala de uma criança ou uma foto, aparentemente aleatória, de um canto de rua podem ter, e certamente têm, para um olho armado, rastros e prenúncios do devir.

Gilvan Procópio Ribeiro
Professor da Faculdade de Letras

DIÁLOGOS ESCRITA E PROVOCAÇÃO



Dezenas de pessoas atentas para ouvir o que um dos intelectuais mais influentes do país tem a dizer. Em 20 de março, o projeto Diálogos Abertos do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) recebeu o escritor Affonso Romano de Sant'Anna para registrar o relato de experiências que tanto contribuíram para a cultura local e nacional. O evento teve a participação de Iacyr Anderson Freitas, Leila Barbosa, Fernando Fiorese, Jorge Sanglard e Marisa Timponi, como entrevistadores, e mediação de Darlan Lula.

As histórias do belo-horizontino, que foi criado em Juiz de Fora e vive no Rio de Janeiro, são um convite para, como ele mesmo disse, rever os acontecimentos mais marcantes de sua vida. "Esse encontro me parece uma oportunidade muito afetiva e muito boa para rever os amigos, que têm me acompanhado durante muito tempo", avaliou Sant'Anna. Característica marcante de sua personalidade, o escritor lançou seu olhar crítico sobre sua própria trajetória.

À frente da Biblioteca Nacional entre 1991 e 1996, o poeta, cronista, professor e jornalista colocou à prova sua habilidade como gestor, e esse foi um dos aspectos mais abordados por ele. Affonso Romano de Sant'Anna falou do trabalho para implantar uma política de incentivo à leitura e de contato do brasileiro com a literatura. Os livros que publicou e as temáticas abordadas também foram recorrentes durante a conversa no MAMM. "É praticamente um reencontro", disse o escritor que, segundo ele, vem regularmente a Juiz de Fora.

NOVAS HISTÓRIAS

Affonso Romano de Sant'Anna aproveitou a oportunidade para lançar mais dois livros. *Ler o mundo*, em prosa, e *Sísifo desce a montanha*. "Um é poesia, com um título bastante sintomático. O outro livro conta minha experiência como escritor, como administrador da Biblioteca Nacional", explicou o autor. Cinema, literatura e poesia aparecem nas páginas de *Ler o mundo*. A gestão na Biblioteca Nacional, período importante na carreira de Sant'Anna, também tem seu lugar especial neste livro.

Sísifo desce a montanha alude ao mito grego de Sísifo, que driblou a morte e, por isso, foi condenado a empurrar uma grande pedra de mármore até o topo de uma montanha. "Eu já subi a montanha", afirma Sant'Anna, "agora eu estou fazendo o caminho de volta e estou descendo", complementa. As reflexões sobre a morte, porém, são um caminho pelo qual se encontra a vida e o aprendizado que se obtém. Na primeira estrofe do poema *Como se desce a montanha*, cujo título introduz a questão levantada no texto, encontramos os seguintes versos: *Não é mais fácil / nem menos perigoso / do que subir / - é diverso*. Depois da reflexão sobre o trabalho incansável de Sísifo, no mesmo poema, Sant'Anna conclui: *Descer com uma pedra / nos ombros / - pode ser leve*.

Para explicar as diferenças entre os livros e o lançamento simultâneo das duas obras, o escritor convida a uma reflexão sobre a função literária dizendo: "Uma literatura que não provoca, que não estimula, tem algum defeito. E a poesia é a minha perplexidade diante da vida. Literatura é provocação. A prosa provoca a poesia e os temas dos livros provocam um ao outro".

diálogos abertos

a memória cultural da cidade

Museu de Arte Murilo Mendes

DIÁLOGOS ABERTOS MURÍLIO HINGEL

Reconhecido por sua coragem na luta pela democracia e por sua fé na juventude, o professor Murílio de Avellar Hingel é também uma referência nos campos da cultura e da educação – que, para ele, aliás, são duas esferas que caminham interligadas. Ministro da Educação no Governo do presidente Itamar Franco e ex-secretário de Educação de Minas Gerais, Murílio contribuiu decisivamente nos processos de aquisição e restauro do Cine-Theatro Central e de vinda do acervo do poeta Murilo Mendes para Juiz de Fora. Em 12 de agosto de 2008, ele prestou um depoimento sobre sua trajetória ao projeto Diálogos Abertos. Confira alguns trechos.

EDUCAÇÃO

Foi na Academia que, de certa maneira, me orientei para a área da educação: quando estava no terceiro ano científico, o padre Leopoldo Krieger, dirigente da Academia de Comércio/Colégio Cristo Redentor – a quem devo muito –, me convidou para dar as aulas no curso de férias preparatório para exames de admissão, que, naquela época, eram obrigatórios e habilitavam os alunos a ingressarem no ginásio. Lecionei matemática, português, geografia, história, que eram os conteúdos exigidos nas provas. Parece-me que fui bem-sucedido, pois padre Leopoldo me mandou uma carta muito simpática e me pagou o meu primeiro salário. [...] A partir daí, padre Leopoldo me convidou para lecionar no curso preparatório aos exames de admissão do ano inteiro, e, assim, me tornei aluno do terceiro ano científico e professor ao mesmo tempo. Isso foi decisivo para a minha carreira, uma vez que estava concluindo o curso científico e tinha que prestar exame vestibular.

PROFESSOR

Não sei se meus pais tinham uma ou outra preferência, mas não interferiram. Optei por fazer o vestibular na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora [FAFILE], para o curso de Geografia e História. Era um único curso naquela ocasião, e, na nossa turma, éramos apenas três alunos. Três anos depois recebi o título de bacharel em Geografia e História, e, implantado na faculdade o curso de Didática, específico para formar professores, o cursei e me graduei como professor em 1956. É interessante concluir essa parte introdutória dizendo que fui contratado imediatamente para ser professor da própria faculdade em que havia sido aluno, como professor de História Contemporânea e Civilização Contemporânea, no curso de Jornalismo.

GRÊMIO LÍTERO-ARTÍSTICO

A Cruzada [Eucarística, da Academia do Comércio] tinha uma sala boa para jogos, xadrez, damas, onde também escutávamos discos de música clássica. Lembro-me que nessa ocasião – isso é muito importante na minha vida –, com a ajuda do padre Geraldo, criei o Grêmio Litero-Artístico Domingo Sávio, que passou a se reunir todos os sábados à noite. Hoje, o pessoal vai para bailes e raves, mas, naquela época, muitos jovens iam para as reuniões do Grêmio Litero-Artístico, onde tinham oportunidade de ler, interpretar ou escrever uma poesia ou um texto com algum valor literário. E havia sempre apresentação de um poema sinfônico, de uma abertura de ópera, devidamente comentada para que as pessoas apurassem o gosto, o que fazia e faz parte da cultura. Tínhamos uma rádio que transmitia durante os recreios, e padre Leopoldo, talvez vendo esse trabalho, me viu como um possível candidato ao magistério. Evidentemente, o restante teríamos que perguntar ao padre Leopoldo por ter sido quem me requisitou como professor do curso de admissão, o que acabou sendo decisivo na minha vida, inclusive na minha vida pública.



FAFILE

A FAFILE é uma instituição da qual todos que lá estudaram têm muita saudade. Diria até que a FAFILE, embora fosse uma faculdade, tinha o espírito universitário, porque eram vários cursos, estudantes de variada natureza. Funcionava pela manhã, à tarde e à noite, porque as instalações eram muito modestas, e o espírito que se respirava era o espírito universitário. Evidentemente, num determinado momento, um espírito universitário muito preocupado com os caminhos políticos do Brasil, e essa preocupação política é uma das coisas que também, hoje, fazem falta à universidade.

JUVENTUDE

Acredito na juventude. Até acompanho nisso muito o presidente Itamar Franco, que sempre começava os seus discursos com a introdução “senhoras e senhores” e concluía com “moças e moços”. Itamar Franco também acreditava nos jovens, especialmente quando prefeito de Juiz de Fora. Nesse sentido, parecemo-nos um pouco: prioritariamente, damos oportunidade aos jovens, porque os mais maduros já tiveram suas oportunidades, e os jovens precisam ter a sua.

DIÁLOGO

Por que vivemos 800 dias, 27 meses, no Ministério da Educação, de paz e de harmonia? [...] Vamos dialogar! Esta foi a palavra-chave: dialogar! Puxa vida, isso até hoje tem reflexo. Encontro ex-reitores que estão em diferentes cargos, muitos deles aposentados e se lembram desse início, dessa primeira atitude [de diálogo]. Sempre digo que é preciso tomar atitude e essa atitude tem que ser sempre uma atitude de esperança. Não podemos tomar uma atitude desencorajadora, a atitude tem que ser de esperança: confiem, confiem no Ministério. O Ministério está do mesmo lado dos senhores; o nosso lado é um só, é o lado da educação. Isto facilitou muitas coisas. É claro que facilitou muito a visão – o que hoje está faltando – de que a educação é um sistema. Há um sistema nacional de educação. O Brasil tem que ter seu projeto enquanto nação, e o projeto da educação tem que se submeter a esta linha de planejamento.

CULTURA

Realmente, não consigo entender a Educação sem a Cultura nem a Cultura sem a Educação. Que sejam dois ministérios, duas secretarias, tudo bem, até por uma questão de *status*, mas não podem trabalhar em direções opostas; têm que se completar.

CINEMA

[...] acabei assumindo as sessões dominicais de cinema (na Cruzada Eucarística), porque os alunos que iam à missa pela manhã tinham a caderneta carimbada e podiam ir à sessão cinematográfica na tarde de domingo, onde hoje é o teatro da Academia. Depois, fui indicado para selecionar e alugar os filmes – imagine só, não sei se era ingenuidade, penso que não, mas aluguei *A Bela e a Fera*, de Jean Cocteau, para passar para os alunos do ginásio do Colégio! Eles adoravam; ninguém nasce com mau gosto, o mau gosto se adquire. Veio depois *Torre de Marfim* – essa revista foi ideia do padre Adalberto Breuers, que escolheu o nome –, na qual a Companhia Central de Diversões publicava todos os filmes que iam ser exibidos durante o mês. [...] Na *Galeria de Arte Celina* e no *Cine-Club* oferecíamos cursos de cinema, técnicas de filmagem, falávamos sobre os grandes diretores, os grandes cineastas. Hoje, vejo pessoas alugarem DVDs pelo nome do artista ou pelo nome do filme; se tiver morte, crime, inferno, desgraça, o filme é alugado com facilidade. Naquela época, cultivava-se os cineastas, os autores dos filmes. Era diferente; aprimorava-se o bom gosto e criava-se uma nova exigência.

ENTREVISTA MÁRCIA MORAIS

Em cartaz até o mês de maio na Galeria Retratos-relâmpago do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), a exposição *A mesa*, de Yara Tupynambá, desperta um curioso discurso sobre o diálogo entre distintas manifestações artísticas. Inspirada no poema *A mesa*, de Carlos Drummond de Andrade, a artista plástica concebeu uma série de trabalhos que transfiguram as palavras do poeta em imagens tradicionalmente mineiras. Por ocasião da abertura da mostra, a pesquisadora Márcia Marques de Moraes, professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), ministrou palestra sobre a concepção do poema de Drummond, pontuando cenas nas quais a própria Yara se inspirou para criar sua obra. Em entrevista ao *Palco*, Márcia fala não somente do diálogo entre literatura e artes plásticas, como também de sua visão de Drummond e da literatura atual.



Quais teriam sido os desafios da artista plástica na transposição da poesia para as artes visuais?

Os desafios são os mesmos da leitura e, em particular, da leitura de Drummond, quando se deve penetrar "surdamente no reino das palavras". Lá, estão os poemas que esperam ser lidos, parafraseando

o poeta... Assim, também a pintura está lendo a escrita. A artista o fez com maestria e contando com o próprio poeta, com quem pôde trocar "leituras" e captar a "perspectiva", o ponto de vista do *eu lírico*. Privilegiou não apenas as referências familiares inscritas nos poemas, como ainda ensaiou o tom intimista dos textos *drummondianos* ao inserir nos painéis imagens com caráter simbólico.

O que o poeta, que expressou o "sentimento do mundo" numa época tão diversa da atual, tem a dizer às novas gerações?

Expressar o sentimento do mundo tão vasto, diante de um coração "mais vasto que o mundo", é irmanar gerações – aqui se aposta numa atemporalidade que de modo algum seria "a-histórica", visto que, quando cada "eu" soa no mais fundo pela palavra, lá se encontram todos os homens que esperam ser escritos. Portanto, ele oferece às novas gerações o que vem oferecendo desde sempre – a poesia como via de reflexão, como chiste que, brincando, fala sério; como ironia que é crítica; como negatividade que nos organiza em nossas frustrações porque, projetivamente, diz por nós.

Atualmente, quais são os temas relevantes para a literatura e para a poesia?

Parece-me que o tema recorrente na literatura, hoje, gira em torno da grande falta, das rupturas, do fracionamento, da fratura, consequência mesmo do desvario da sociedade de consumo que só faz viver exasperadamente "a falta que ama", como a nomeia o poeta. Vale a pena também lembrar que a reflexão sobre a própria criação artística, sobre a escrita, é também um tema recorrente. A direção metalinguística, metapoética dos textos literários responde a outra reflexão de Drummond, para quem os homens soam na linguagem até que nelas se dissolvem.

Acredita que a circulação da poesia, hoje, ampliou-se com as novas mídias?

Acho, sim, que se ampliou e que novos suportes trazem novas possibilidades não só de escrita de poesia, como de leitura de poemas – há poemas que se valem da imagem, de grafismos, de fotografias, de trabalhos sonoros, de forma exemplar. Cito, com entusiasmo, Arnaldo Antunes, entre outros. Mas também há lugar marcante para poemas que lidam com "conceitos" e dialogam com a filosofia, como, por exemplo, os de Antônio Cícero, e com a própria literatura, como é o caso de Paulo Henriques Brito.

GA

POESIA EMBATES CONTEMPORÂNEOS

O poeta coloca-se dentro de uma perspectiva. Defende-a. Questiona a realidade e compõe versos. Ao se expressar, propõe suas ideias ao leitor, que completa o ciclo subjetivando o poema. Assim foi e tem sido a concepção poética que até hoje cria espaço para reflexão do espírito humano. Contudo, a relação do autor com o tempo histórico em que se situa é tão importante para esse fenômeno literário quanto o próprio tema ou a estética escolhida.

Entre os períodos de destaque da poesia nacional, estudiosos citam o movimento do Modernismo (que teve seu ápice na Semana de Arte Moderna de 1922) e a década de 40, quando poetas como Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Cecília Meireles publicaram obras fundamentais. De acordo com o poeta Iacyr Anderson Freitas, porém, tudo o que é produzido hoje tem a influência não somente desses períodos, mas de várias épocas. "Em tempos de extrema globalização, as linhas de força dos diálogos e das influências não ficam restritas sequer a um país ou a uma língua específica. A marca do nosso tempo é a diversidade, inclusive de fontes e de perspectivas de criação."

Pensando nessas influências e com o objetivo de compreender as características da lírica de nossos dias, Iacyr ministra até o mês de julho o curso *A poesia partilhada* no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Ao criar formas de leitura para a natureza polissêmica da produção poética, o curso também rompe obstáculos para a compreensão mais efetiva do público leitor. Assim, toma forma o embate histórico da poesia brasileira com a linguagem. "Tendo em vista a qualidade da produção poética brasileira, será sempre um desafio tentar manter a alta voltagem lírica dos predecessores", relembra Iacyr.

Os dilemas e caminhos para essa produção são diversos; tantos que a poeta Carolina Barreto não gosta de pensar no termo "caminhos" e sugere uma pergunta: "A poesia sabe aonde quer chegar?" Ela prefere pensar em opções que vão se transformando à medida que os embates com a palavra e, conseqüentemente, com o mundo vão se apresentando para o escritor. "Desse modo, um dilema importante da poesia contemporânea é como responder ao seu tempo a contrapelo, questionando e tirando o leitor de lugares confortáveis", conclui.

DE TUDO UM POUCO

O sentido da vida, o que a morte representa, o que é o amor, a experiência urbana, as coisas pequenas do cotidiano, a sensação de desamparo diante do mundo, a angústia em face do tempo. Temas não faltam aos poetas contemporâneos. Proposições, inclusive, já abordadas em diversos outros períodos da história literária, mas que continuam atuais aos olhos dos autores e aos olhos de quem lê. Para Carolina Barreto, "a escolha do tema tem relação com as escolhas estéticas, éticas e políticas do autor diante de seu tempo"; para Iacyr Anderson Freitas, "novos tempos também oferecem novos temas, novas perguntas e novas possibilidades de respostas".

Tantos propósitos merecem uma estética múltipla. Diversidade é o termo que representa a contemporaneidade. Para Carolina, "a estética do contemporâneo está intrinsecamente ligada às questões que são levantadas pelo poeta ao ler o mundo". Por isso, segundo ela, é complicado associar contemporâneo a uma determinada forma ou a uma estética, desassociando esse termo de outro muito importante que é a "política".

Os poetas da atualidade exploram a narrativa virtual e usam a internet não apenas como meio de divulgação, mas também como forma de criação. Iacyr acredita que não há barreiras para a criatividade estética. "Embora os temas fundantes nos dominem, a nossa maneira de expressá-los é infinita. O fiel da balança será, sempre, a qualidade das obras produzidas, não a tecnologia envolvida no processo de produção."

Em qualquer suporte, a poesia segue questionando os fatos (atuais ou não), provocando a reflexão e desestabilizando aquele que lê. Carolina, poeta como é, não poderia deixar de interrogar-se e interrogar-nos como público leitor: "Quem elegemos como nossos contemporâneos? Quais são os critérios utilizados por nós leitores? Para onde nossos olhos estão mirando?" Questões que inquietam nosso presente e que, possivelmente, estarão na pauta da futura geração de poetas.

GA



DCE UM MARCO DA BELLE ÉPOQUE

No número 763 da Avenida Getúlio Vargas, encontra-se um prédio que não poderia ocupar outro lugar senão o de esquina: é um encontro de estilos arquitetônicos e representa uma época de confluência de pensamentos em todo o mundo. A construção é conhecida atualmente como a sede-centro do Diretório Central dos Estudantes da UFJF, mas data do final do século XIX, uma época em que Juiz de Fora era o centro econômico e cultural da região.

Inaugurado em 1894, o prédio surgiu em um mundo que vivia a *Belle Époque*, um tempo de integração: várias cidades compartilhavam a mesma urgência de progresso. Ferrovias, meios de comunicação e medidas de saneamento eram símbolos da ideologia de elites burguesas, europeias e brasileiras. A *Belle Époque* era marcada por problemas sanitários, pela falta de habitações e a incômoda realidade do analfabetismo nos municípios. Civilizar-se era necessário.

O engenheiro francês G. Howyan elaborou, em 1893, um projeto de saneamento para o município intitulado *Saneamento e expansão da cidade de Juiz de Fora: águas, esgotos; retificação de rios, drenagem*, com o objetivo de urbanizar a cidade. O prédio foi construído originalmente para abrigar a Diretoria de Higiene da Câmara Municipal, responsável por todo o processo de licenciamento de edificações e por colocar em prática o projeto de Howyan: as construções da cidade deveriam obedecer a padrões de higiene rigorosos, muito próximos aos atuais. Além disso, a diretoria se encarregaria dos problemas da população em caso de epidemias. Contudo, alvo de disputas políticas, o projeto de Howyan não foi colocado em prática.

Juiz de Fora ocupava lugar central no processo de exportação de café da região. A cidade também era conhecida como a Manchester Mineira por ser um centro de produção têxtil. Devido a essa posição de des-

taque, foi alvo de investimentos na industrialização de bens de consumo. Como consequência, a população imaginava uma vida promissora, graças às conquistas técnicas e tecnológicas. Porém, longe de espontânea, essa crença no progresso era um modo de a elite burguesa conscientizar a população a adotar modos mais civilizados. Assim, a construção de um prédio para sediar a Diretoria de Higiene pode ser considerada como um marco dessa época.

A construção faz parte do período eclético da Manchester Mineira, que corresponde aos anos de 1880 a 1930. Com resolução plástica e linguagem formal bastante rebuscada, o prédio é um encontro do barroco, do maneirismo e do renascimento francês, sintetizando a linguagem clássica de uma maneira original. O arquiteto Julio Sampaio destaca “a volumetria, o movimento das fachadas e da cobertura. A implantação no eixo dessa esquina foi um dos elementos marcantes do processo de tombamento, que se deu em 1996”.

Em 1908, o prédio abrigou o Tiro de Guerra nº 17 e, em 1931, foi ocupado pela Faculdade de Engenharia. Na década de 60, a Faculdade de Engenharia e outras deram origem à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), cuja primeira sede foi onde hoje é o Colégio de Aplicação João XXIII, no Bairro Santa Helena. Desde 1977, o Diretório Central dos Estudantes da UFJF possui concessão de uso do espaço.

Sendo um marco na história da cidade, o prédio da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Marechal Floriano Peixoto tornou-se, em seus mais de 100 anos de existência, um referencial para o Centro de Juiz de Fora. A graciosidade de seu ângulo de esquina vê, ainda hoje, uma cidade que passa por encontros e transformações.

RS

FOTOGRAFIA POÉTICA DO COTIDIANO

A arte fotográfica como uma forma de levar ao público as pequenas inspirações cotidianas do artista, capturando o que compõe e define seu lado íntimo: trabalhar o conceito contemporâneo de *fotografia íntima*, modalidade ainda pouco conhecida, é, acima de tudo, trocar experiências próprias com aquelas vividas pelo fotógrafo. Essa é a ideia da exposição *Vida Cotidiana* que, explorando também o audiovisual, reúne trabalhos de nove jovens fotógrafos de Juiz de Fora no Centro Cultural Pró-Música.

Um retrato familiar, um artefato pessoal, um lugar, um momento do dia a dia – objetos diversificados compõem a temática dos trabalhos da mostra. “A fotografia íntima é esse registro do cotidiano do artista, em que ele apresenta sua poética. Não se trata de simplesmente fazer uma foto de qualquer jeito, um registro vazio, mas, sim, de construir uma narrativa”, ressalta a fotógrafa e curadora da exposição Nina Mello.

A curadora explica que a ideia de realizar a exposição surgiu da vontade de trabalhar a arte contemporânea. Para ela, é necessário dar espaço a esse tipo de expressão artística porque ainda há bloqueios e preconceitos na sociedade em relação a discutir, apreciar e criticar essa produção. “A arte contemporânea ainda está muito distante do entendimento, da nossa percepção. Muita gente tem dificuldade de admitir que não gosta ou que não entende, ou que entende e não gosta.”

A contemporaneidade também se apresenta na exposição através de interatividade e conteúdo multimídia. A intenção é criar maneiras de conversar com o universo íntimo do público, fazendo-o associar versos de músicas, fotografias e experiências de vida. Uma necessidade, segundo Nina, da própria fotografia atualmente, que constrói seu sentido agregando outros tipos de veículos de comunicação, como texto e música.

O fotógrafo Daniel Candian reuniu, em vídeo, cerca de 300 fotos de viagens com amigos, que se mesclam a músicas escolhidas por ele. Candian vê na exposição uma forma diferente de mostrar a memória pessoal do artista e interagir com o público. “O interessante é que esse tipo de fotografia não passa pelo ‘ponto de teste’, porque se trata de algo íntimo. A recepção será muito variável. Alguns vão achar legal, outros podem até repudiar.” Também participam da mostra os fotógrafos Adriana Stehling, Gabriel Brisola, Mário Ângelo, Nina Zamapi, Paula Duarte, Rafael Ski, Rizza e Tamy Orlando.

MUDANÇA

Para além da função de registrar fragmentos da realidade, a técnica de “desenhar com a luz” apresenta atualmente sua potencialidade enquanto produto artístico. Para Nina Mello, a linguagem poética da fotografia ganhou espaço nos mais diversos veículos como alternativa para se criar interpretações e estabelecer contato direto com a vida do leitor. “A fotografia vem ocupando espaço dentro do mundo da arte porque ela, ao longo da história, mudou de papel. Ela perdeu espaço até enquanto valor, enquanto precisão, não necessitando estar presa ao real. A fotografia serve hoje como registro poético; por isso precisamos abrir espaço para essa prática”, finaliza.

A mostra *Vida Cotidiana*, inspirada na música de Jorge Mautner de mesmo nome, fica em exibição de 4 a 29 de abril, de segunda a sábado, das 8h às 11h e das 13h às 22h, e domingo, das 13h às 21h, no Centro Cultural Pró-Música.

TC

AGENDA

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

SHOW

21.04, 21h30 Milton
Nascimento

MAMM

MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

Arte brasileira, Anos 60/70
Galeria Convergência

A mesa, Yara Tupynambá
Galeria Retratos-relâmpago

Del clásico gusto español,
Frederico Merij
Galeria Poliedro

Verde: revista de arte e cultura
Espaço Lugar de Honra

LEITURAS TEMÁTICAS

13.04, 10h Ciclo de debates:
As políticas públicas para a
educação no Brasil
19.04, 19h Encontro com
Tônio Carvalho
24.04, 19h I Encontro de
Educadores de Museus
Brasileiros – Elaine Fontana

MUSICAMAMM

12.04, 20h Orquestra de
Câmara Pró-Música
26.04, 20h Fabrício Conde

DIÁLOGOS ABERTOS

17.04, 20h Ismair Zaghetto

CINEMAMM

25.04, 19h Cinema em foco
O impacto da chegada do
som no cinema no Brasil



HERANÇAS LITERÁRIAS GILBERTO E COSETTE

Numa leitura sensível, passar à posteridade significa permanecer. Do latim, permanecer é ficar (*per*) através de (*manere*). Autor de *Prosa rude* (1910), *Cidade do sonho e da melancolia* (1926), *Tal dia é o batizado* (1959) e oito outros títulos, entre contos, romances e ensaios, Gilberto de Alencar permaneceu em suas obras. Natural, afinal, “um poeta é sempre irmão do vento e da água: deixa seu ritmo por onde passa”, defendia a poetisa Cecília Meireles em *Discurso*.

O escritor, nascido em Santos Dumont e radicado em Juiz de Fora, permaneceu ainda na biblioteca que construiu durante sua vida. Publicações, que, no zelo do colecionador e na paixão do leitor, foram habilmente encapadas e identificadas, em tinta preta, com informações de autoria e título das obras, além de um delicado desenho retangular a delimitar a lombada de cada livro, na qual se encontra a sigla G.A. Assim, a posteridade de Gilberto de Alencar também se inscreve nas palavras de outros escritores, como Sacritanus e seu *Bancando o latinista*, de 1923 – com pequena dedicatória do autor –; Goulart de Andrade e *Theatro*, de 1909; Julia Lopes D’Almeida e *A viúva Simões*, de 1897; entre muitos outros que compõem o acervo de mais de 1.500 títulos.

Doadas em 2007 pela família, as obras somam-se aos manuscritos originais de *Reconquista* (1945), *O escriba Julião de Azambuja* (1952) e *Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho* (1946), além de recortes de jornais dos quais o escritor foi colaborador ao longo da vida. De 1908 a 1911, Gilberto escreveu a coluna *Prismas*, no jornal *O Pharol*. Entre 1925 e 1926, colaborou com o *Diário Mercantil*, onde voltaria a atuar de 1935 a 1937 como autor da coluna *Eis ahi...*, e de 1946 a 1957 na coluna *Preto e Branco*. Da década de 40 à de 60, escreveu para a *Revista Alterosa*, e, de 1943 a 1945, foi colaborador constante do “Suplemento Folha de Minas”, do *Diário Mercantil*. No mesmo grupo de recortes, é possível encontrar a repercussão na imprensa de alguns de seus livros, como a crítica de Agrippino Grieco sobre *Memórias...*: “É livro sazonado, de lineamentos clássicos, composto com emoção contida e sobriedade vocabular”.

A POÉTICA DE MINAS

“Que legado poderia ter nos deixado um intelectual que foi autodidata, tipógrafo, revisor e redator; cronista e articulista, que escreveu sob os pseudônimos Zangão, G. G. de A., Germano D’Aguilar, João do Carmo e Napoleão?”, questiona, em retórica quase contemplativa, a professora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF) Moema Mendes, uma das coordenadoras do projeto de pesquisa *O resgate das escrituras – da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para composição de um dossiê genético-crítico*, que objetiva organizar e disponibilizar, em meio convencional e eletrônico, o acervo de Gilberto e Cosette de Alencar, sua filha. Diretor e redator d’*O Pharol*, Gilberto é um dos pioneiros da imprensa juiz-forana, tendo colaborado para diversos periódicos da região.

Apesar de ter estudado poucos anos, no Colégio Gonçalves, em Barbacena, Gilberto de Alencar ganhou

notoriedade no meio literário brasileiro, tendo sido um dos fundadores da Academia Mineira de Letras, que, em seus anos iniciais, funcionou em Juiz de Fora. Durante mais de meio século, o escritor ocupou a cadeira de número 21, cujo patrono era o próprio pai, o médico Fernando de Alencar, um de seus maiores incentivadores e, certamente, quem-lhe apresentou a história, a sociologia, as literaturas brasileira e europeia e os estudos culturais, temáticas predominantes em sua biblioteca. “Todo o acervo alencariano nos presta revelações do contexto cultural dos tempos do Modernismo no início do século XX”, defende Moema Mendes.

HERDEIRA INTELECTUAL

Gilberto de Alencar encontrou em sua filha uma herdeira intelectual. Cosette foi diretora da Escola Normal, atual Instituto Estadual de Educação, e colaboradora de diversos periódicos da região, que também se encontram na biblioteca abrigada no MAMM. Erudita em seus gostos culturais, somou seus livros aos do pai, formando uma biblioteca que, apesar de múltipla em gêneros literários, é capaz de sintetizar o percurso da escrita brasileira no século XX, ilustrada por autores como Nelson Rodrigues, Erico Verissimo, Dalton Trevisan, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Guilherme Figueiredo, Autran Dourado, Assis Brasil e Maria José Dupré.

Reconhecida tradutora de francês, tornou-se influente no meio editorial nacional, o que também lhe serviu de impulso para uma carreira literária, coroada em 1971 com a publicação de *Giroflê Giroflá*, sua única obra. “A escritora se posta perspicaz em relação aos mistérios que envolvem a psicologia humana ao falar através de Sinval Vilaflor sobre os seus desencantos. É uma obra apurada com o tempo, sendo, por isso, permanente”, defende a professora Moema Mendes.

Expoentes de um momento efervescente na cultura nacional, Gilberto e Cosette permanecem nas correspondências engenhosamente organizadas pela família e entregues ao MAMM. Entre as cartas, remetentes ilustres, como Belmiro Braga, Cyro dos Anjos, Drummond, Cecília Meireles e outros intelectuais que ajudaram a escrever a literatura e a política do século passado. “Essas correspondências nos mostram muitas minúcias de como era o ambiente intelectual daquela época”, assinala Bruno Defilippo, responsável pela organização e pelo tratamento do acervo documental da biblioteca do MAMM. Defilippo aponta ainda para as inquietações que motivavam as cartas, algumas explanando os dilemas do circuito editorial, outras defendendo questões político-econômicas relacionadas àquela literatura, ou, até mesmo, intercâmbios críticos, julgamentos entre amigos.

Pai e filha são exemplares de uma prática bastante usual na contemporaneidade: a escrita como labuta diária. Talvez a imagem que se forma dessa assertiva seja o bastante para justificar a força emocional e cultural da biblioteca Alencar. Assim, torna-se simples assumir a posteridade como substantivo que se fez imperativo na trajetória de Gilberto e Cosette.

MM